

A SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

2013

Juliana Souza Valente de Andrade

Graduada do curso de Psicologia da Faculdade Cathedral (Brasil)

Marlene Matos Monteiro

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente no curso de Psicologia da Faculdade Cathedral (Brasil)

E-mail de contato:

jujuba-rr@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem foco na sexualidade e Orientação Sexual no contexto escolar, e verificar como os educadores, pais e alunos lidam com essa realidade dentro das escolas. As visões, as crenças e os valores envolvidos nessa esfera e como esse conjunto influencia no ensino e nas relações professor-aluno e família. Há muitos anos a sexualidade causa polêmicas e alvoroços entre os indivíduos que ainda consideram o assunto como um tabu, não sendo discutido livremente nas famílias, nos meios de comunicação ou nas escolas. No contexto escolar, podemos verificar que muitos professores ainda vêm o assunto como algo sujo ou inconveniente, sobretudo nas séries mais iniciais onde as crianças são vistas como puras e assexuadas. A maioria dos profissionais da educação e pais não estão preparados para abordar tal tema e alunos se vêm diante a discussões carregadas de preconceitos, crenças pessoais que trazem pouca contribuição positiva a eles. Logo, a sexualidade está relacionado aos padrões impostos pela sociedade e o modo como às pessoas lidam com os prazeres e desejos. Entretanto, no ensino médio, o sexo é sempre associado às aulas de reprodução humana onde a ênfase é a formação e reações do corpo humano. É compreensível que a escola seja um ambiente importante para os adolescentes, tendo em vista a socialização com outros indivíduos da mesma idade, logo a Orientação Sexual é considerada pelo Governo Federal, um tema transversal e por meio dela promover discussões e reflexões afim de provocar mudanças de comportamento.

Palavras-chave: Orientação sexual, sexualidade, escola.



1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de mostrar a importância da discussão sobre a sexualidade nas escolas, especialmente entre os adolescentes, como também a inclusão e trabalho de Orientação Sexual no âmbito escolar além de seus reflexos em alunos, pais e educadores. A palavra sexo em si já causa alvoroço, burburinho e muitas opiniões divergentes, porém esquecemos que a sexualidade está presente na vida do indivíduo desde seu nascimento passando por todo seu desenvolvimento, logo os tabus em relação ao tema e discussão leva falta de preparo e tato de pais e educadores para responder dúvidas e indagações dos alunos.

A Organização Mundial da Saúde e o Ministério da Saúde no nosso país, falam e trazem explicações e esclarecimentos acerca da sexualidade nos informando no geral que o assunto vai além do próprio sexo e abrange vários aspectos da nossa vida, assim é vivenciada, expressada em nossos valores, crenças, atos e papéis portanto é uma necessidade básica do ser humano, uma energia que nos motiva.

Na Psicologia, Sigmund Freud nos dá uma visão da sexualidade dentro da Psicanálise e como a sua dimensão pode alcançar e influenciar o ser humano em suas buscas, visões, comportamentos, pensamentos e crenças. Chamando atenção nesse trabalho sobre a importância e evolução da sexualidade ao longo da história, acompanhando o homem através dos séculos, revoluções e mudanças e religiões.

Nessa reflexão, propus chamar atenção de todos que estão envolvidos na escola escolar para esse tema que muitas vezes é ignorado na esfera escolar por pais, educadores e deixando os alunos a mercê dos meios de comunicação, conversas informais e nada proveitoso para suas expectativas.

Nas salas de aula vemos professores, em grande parte, não preparados para abordar tal assunto de forma responsável ou sistemática com seus alunos, acabam contribuindo na discussão com experiências pessoais, crenças individuais e preconceitos adquiridos ao longo da vida. Assim, na maioria das vezes, não fornecem de maneira não muito proveitosa ou positiva para a pontos positivos formação dos alunos e conhecimento dos mesmos.

Portanto, a inclusão da Orientação Sexual como um dos Temas Transversais da educação básica das escolas, foi uma tentativa do Governo Federal para suprir com essas necessidades na formação dos alunos devido ao contexto de surgimento de discriminações, estereótipos, novas formas de relacionamento entre esses adolescentes, vírus da AIDS, outras Doenças Sexualmente Transmissíveis, gravidez precoce, além de ampliar e resolver os conflitos presentes nesse processo de desenvolvimento incluindo a sexualidade.



O objetivo a implementação dessa medida na educação brasileira nas escolas seria de orientar os alunos a formação de opinião acerca da sexualidade sem o contato com preconceitos, crenças pessoais, valores e visões individuais que antes eram expostos. O trabalho iria apresentar um material e abordagem sistematizada com professores preparados para tal proposta.

Porém poderão ter uma rápida visualização dos desafios e percalços que a Orientação Sexual enfrenta nas escolas. As resistências de pais e responsáveis acerca do abordagem do tema, principalmente em séries iniciais, despreparo de professores, e o as dificuldades do órgão público responsável pela estratégia de execução do trabalho se depara, gerando descontentamento de pais, alunos e professores.

2. CONCEITO DE SEXUALIDADE

A sexualidade por si só causa muitas polêmicas, controvérsias, discussões e é de difícil conceituação, além de afetar a imaginação, fantasia e muitas vezes sendo associada ao sujo, impróprio e ilícito, conforme BERALDO (2003). Geralmente está relacionada a reprodução, órgãos genitais. Conforme MAIA (2012 p.153), a sexualidade é uma construção social e dita padrões de comportamento a sociedade. O Ministério da Saúde lançou em 2006 um caderno que integra a série Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos que tem o objetivo de abranger todos os gêneros e idade esclarecendo acerca de direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais como a própria apresentação do material apresenta, porém no conteúdo podemos ver a uma explicação de fácil entendimento sobre o que é a sexualidade:

Sexualidade é muito mais do que sexo. Ela é um aspecto central da vida das pessoas e envolve sexo, papéis sexuais, orientação sexual, erotismo, prazer, envolvimento emocional, amor e reprodução. A sexualidade é vivenciada e expressada por meio de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Em todas as sociedades, as expressos da sexualidade soa alvo de normas morais, religiosas ou científicas, que vão sendo aprendidas pelas pessoas desde a infância. A sexualidade envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. É importante buscarmos o autoconhecimentos, para que possamos fazer as escolas que sejam mais positivas para a nossa vida e para a expressão da nossa sexualidade. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006, p.22)

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2008, a sexualidade é uma parte integral da personalidade de cada indivíduo, se caracteriza como uma necessidade básica e não pode ser separado de outros aspectos da vida, não é sinônimo de coito e não se limita a presença ou não de orgasmo, é como uma energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade além



de se expressar na forma de sentir, de tocar e ser tocado, influência os nossos pensamentos, sentimentos, ações e interações.

Conceito de sexualidade (OMS):

“Uma energia que nos motiva a procurar amor, contato, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e por isso influencia a nossa saúde física e mental.”

Segundo SAYÃO (2006) a sexualidade está relacionada a todos nós seres humanos, e sabemos alguma coisa nem que seja somente vivencial. Logo a vida do indivíduo está ligada a busca do prazer, não somente o sexual mas abrangendo o sentido da palavra para algo mais amplo como a nossa própria satisfação, plenitude nem que seja momentânea. De acordo com SUPPLY (1988), a sexualidade é um termo que não é muito bem definido ou esclarecido, portanto podemos ver que até o seu conceito é de difícil tratamento ou definição.

Dentro da Psicologia, entre as várias escolas podemos encontrar diferentes percepções de sexualidade, porém a mais impactante a famosa foi de Sigmund Freud na Psicanálise, onde o autor usou o tema para fundamentar toda sua teoria e aonde e como ela pode influenciar o psiquismo humano. Portanto é importante perceber que Freud como é citado em BEARZOTI (1994), nos coloca a sexualidade presente desde o nascimento do indivíduo até a vida adulta, assim o instinto sexual e impulsos sexuais já se encontram no recém-nascido. Ainda afirma que a sexualidade é energia, pois sempre estivemos em busca de equilíbrio com o meio, e a nossa autopreservação vem por meio instintos ligados à sexualidade.

O importante é salientar que o tema sempre estará presente na história da humanidade, nas nossas descobertas e experiências com o meio, percepção do nosso corpo e do próximo, além os formulação de novos significados de prazer e desprazer para o indivíduo. Segundo CHAUI (1985), BONZON (2004), MEIRA et al (2006) apud em MEIRA (2012 p.53), “(...) o sujeito vive a sexualidade no âmbito individual, mas a sua construção é produzida levando em conta valores e normas sociais (...)”.

Ao longo dos séculos a sexualidade no Ocidente desde vem sendo influenciada pela doutrina cristã e raízes hebraicas, práticas culturais, padrões societários e econômicos assim determinando que a mulher deveria guardar seu corpo intocável e puro até o casamento, e o homem poderia ter outras parceiras sexuais fora do matrimônio, sendo essa instituição sagrada e matriarcal. Hoje já no século XXI, as modificações na sociedade moderna e a ascensão da tecnologia e da ciência vem influenciando as concepções do que é certo e errado nas práticas sexuais, ainda sim relacionado às doutrinas do cristianismo.



3. DIRETRIZES DO GOVERNO FEDERAL EM RELAÇÃO AO ENSINO ORIENTAÇÃO SEXUAL

A sexualidade começou a ser discutida e abordada nos meios de comunicação, principalmente nos anos 1970 e 1980 quando a AIDS tornou-se um grave problema de saúde pública, ganhando espaço nas discussões acerca de suas causas, prevenção e tratamento. Logo o assunto chegou aos currículos escolares, se tornando evidente a preocupação com os casos de gravidez precoce, risco de contaminação pelo vírus da AIDS, realidades que chegavam as escolas e preocupava pais e mestres.

Nos anos de 1997 e 1998, a educação básica no nosso país passou por transformações com a implementação dos temas transversais no currículo escolar, as chamadas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) no ensino fundamental a partir da quinta série, atual sexto ano. De acordo com SILVA (2013) os temas que não seriam mais somente disciplinas a serem trabalhadas, mas sim vinculados a realidade e as necessidades do dia-a-dia dos alunos que viriam a contribuir com a construção de uma sociedade democrática.

Em 1998, o Governo Federal incluiu aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a orientação sexual como um dos temas transversais da educação básica nas escolas, ou seja, permeando por todas as disciplinas articuladas no currículo juntamente com outros temas como Saúde, Ética, Trabalho e Consumo, Pluralidade Cultural e Meio Ambiente conforme BEIRAS, TAGLIAMENTO, TONELI (2005). Logo, a orientação sexual apresentada aos alunos na escola vem com o objetivo de formar ajuda-los a formar opinião acerca do que lhe apresentado.

Conforme YARA SAYÃO (2006):

“O termo Orientação Sexual (baseado em orientação do tipo pedagógica, como, por exemplo, orientação vocacional ou de estudos) diferencia-se da Educação Sexual, na medida em que esta diz respeito ao conjunto de valores transmitidos pela família e ambiente social nas questões relativas à sexualidade.”

Conforme a realidade e a demanda da sociedade brasileira, se viu necessário que o ambiente escolar viesse para integrar, ajudar e buscar o desenvolvimento do aluno frente à importantes lições ligadas à saúde, à vida, ao bem estar e ao prazer e outros aspectos da vida do indivíduo, e claro à sexualidade. (_____. 2006).

De acordo com os PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (1997, p.34)

“Hoje a Orientação Sexual na escola é vista como um processo de intervenção pedagógica que objetiva transmitir informações, mas também problematizar questões relativas às questões de

gênero e sexualidade, com atitudes, crenças, valores e tabus, nas dimensões sociológica, psicológica e fisiológica, como referem os Parâmetros Curriculares Nacionais.”

De acordo com SUPLICY (1998):

“Só informar não basta. Para desenvolver uma atitude positiva em relação ao sexo, o mais importante é encorajar a expressão da sexualidade, desde a infância. Esta atitude é que propiciará o crescimento da capacidade de relacionar-se afetivamente com o outro e de usufruir uma relação sexual.”

A Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (SECAD/MEC) é responsável pela contratação de organizações sociais para enfrentar e executar a estratégia de orientação sexual nas escolas públicas. Entretanto desde o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso nos anos 1990 que reclamações sobre o descaço e desinteresse do governo brasileiro em relação a execução dessas atividades como formação de profissionais, elaboração de materiais didáticos, consistência aos currículos escolares e inclusão nos projetos políticos-pedagógicos das escolas, segundo BRASIL (2007 apud em SILVA 2013).

4. O IMPACTO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL EM PAIS E FILHOS

De acordo com NOGUEIRA (2013), as mudanças de comportamento frente a sexualidade foram influenciadas pela história e a sociedade. Conforme o passar das décadas, as visões dos professores vão se divergindo e modificando a forma de ensinar os alunos de uma maneira que não os exclua das reflexões, do que é produzido cientificamente sobre o assunto e aprofundamento ao ponto de criar no aluno, a capacidade de produzir opinião e posição particular.

A autora SAYÃO (1998) esclarece sobre a atuação dos professores frente à Orientação Sexual:

“Para atuarem de forma profissional e não pessoal, portanto, é necessário que os educadores tenham acesso à formação específica. Deverão entrar em contato com as questões teóricas, leituras e debates sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens.”

Conforme FIGUEIRÓ (1996) a Orientação Sexual é um trabalho que cabe à escola, ao ensino e instrução sistematizada. A sexualidade e as outras visões relacionadas a ela devem fazer parte do processo de ensino nas escolas todo o ano, não só sendo expressa em trabalhos,

palestras, cartilhas ou atividades específicas. Porém é visível o despreparado de grande parte dos professores e outros profissionais da educação diante a essas medidas e iniciativas.

Na sociedade atual, é também presente a realidade de pais não têm tempo, preparo ou disposição para discutir, abordar tais temas com seus filhos, enfrentam obstáculos a cumprir tal papel. Com esse problema, podemos perceber o quanto o ambiente escolar e familiar ainda carrega estigmas, preconceitos e barreiras, como afirma GULO (2008).

Atualmente essa falta de preparo para tratar do assunto com seus filhos vindo dos pais, pode ser advinda dos padrões mais inflexíveis na infância e a realidade que foi se modificando ao longo de sua adolescência, os tornando mais inseguros e “perdidos” em relação ao que é certo ou errado, o melhor ou o pior para ser passado aos seus filhos. Se adicionando à orientação sexual que não cumpre com seu compromisso ou atinge seu objetivo frente aos alunos, os mesmos ficam à mercê da falta de informação, instrução ou uma simples conversa sobre.

Segundo SUPPLY (1991) apud CANO, FERRIANI (2000), há valores que precisam ser transmitido para os jovens apesar das intensas modificações que ocorrem no mundo atual, como o respeito a si próprio e pela própria dignidade, respeito ao próximo e não é permitido ver o outro como meio de satisfação própria, responder a uma criança sempre de forma coesa, satisfatória e nunca preconceituosa, e ajuda-la sempre a formar sua própria opinião, capacidade de raciocínio e refletir a respeito da forma que lhe convém.

Segundo OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, ORIENTAÇÃO SEXUAL, a escola precisa informar os familiares dos alunos que a Orientação Sexual está presente na proposta curricular, assim permitindo a troca de ideias, o apoio dos pais e assim o programa atingir seu objetivo. Nos dias atuais, os papéis sexuais não são mais os mesmos que antigamente, como as mães que trabalham fora e lideram famílias, e pais mais ligados a esfera doméstica.

Afirmam também que as manifestações da sexualidade quando agressivas indicam que o tema precisa ser trabalhado, discutido e exposto de forma séria, responsável apesar de causar ansiedade, vergonha e/ou “risos”. Criar esse espaço de discussão pode ser importante para não repreender os adolescentes e fornecer bem-estar.

Segundo CANO, FERRIANI, GOMES (2000) a banalização da relação sexo ou a utilização de imagens sensuais e de cunho dessa natureza nos meios de comunicação dificulta porém aumenta a responsabilidade acerca da Orientação e saúde desses adolescentes nas escolas. Principalmente porque esses indivíduos estão num momento de complexo desenvolvimento biopsicológico e social que contribuem para a formação da identidade sexual como fala KNOBEL apud CANO, FERRIANI, GOMES (2000).

Portanto, a escola não pretende julgar as diversas situações em que cada família de aluno tem, mas sim abrir espaço para a pluralidade, respeito as diferenças e garantir a integridade de



seus alunos. Muitas famílias pertencem a crenças religiosas rígidas que precisam ser esclarecidas acerca da importância e dinâmica das questões que irão ser abordadas.

5. CONCLUSÃO

A sexualidade passou por modificações ao longo da história da humanidade e sofreu influências e desgastes de acordo com os contextos históricos que se encontrava porém sempre está relacionada com a política, economia, cultural, sociedade, religião, moral, ética e valores pessoais. Atualmente percebemos o quanto a ciência, tecnologias e os padrões sociais vêm para modificar nossas visões.

Entretanto, partindo do que foi apresentado nesse trabalho, a sexualidade está muito mais conectada com a visão que o indivíduo tem de si mesmo, sua estabilidade emocional, perspectiva da realidade ao seu redor do que simplesmente a reprodução humana nas aulas de biologia. Se manifesta na nossa vida desde nosso nascimento até a nossa velhice porém sofrendo influência da cultura, tecnologia, ciência e contexto histórico-social, como já foi citado anteriormente.

De acordo com que foi exposto, que grande maioria de pais e responsáveis ainda sentem uma significativa dificuldade de discutir as questões de sexualidade com seus filhos porém reconhecem a importância, necessidade e preocupação com esses adolescentes para que consigam viver suas sexualidades de maneira responsável e consciente de seus riscos. Por isso a presença da Orientação Sexual nas escolas se torna uma questão persistente e de grande valor para pais, alunos e profissionais da educação.

As famílias dos alunos têm suas crenças, religiões, valores e regras internas que influenciam na criação, comportamento e visão desses adolescentes diante a própria sexualidade e suas manifestações na escola, no espaço escolar e/ou entre amigos, logo é papel do ensino institucional contribuir para que esses indivíduos possam resolver questões individuais com consciência e conhecimento. Apesar da educação nos dias atuais assumirem uma posição paternalista acabam não abordando o assunto com tanta segurança.

Nos alunos tanto adolescentes quanto crianças apresentam comportamentos que como riscos, burburinhos que vêm dos sentimentos como vergonha, dúvida e constrangimento. Esses indivíduos estão diante de grandes transformações na sociedade atual além de se encontrarem num grupo de risco ao vírus da AIDS, outras Doenças Sexualmente Transmissíveis, gravidez precoce e outros perigos eminentes e advindos da desestruturação dos indivíduos que acabam agindo de forma a ceder às pressões sociais de maneira negativa.



Porém podemos perceber também a necessidade de profissionais qualificados e estímulo do Governo Federal para a efetivação dessa proposta dentro das escolas. Esses profissionais precisam transmitir, orientar e conduzir o equilíbrio dentro da sala de aula e respeitar as individualidades de cada aluno, e contribuindo para o seu desenvolvimento. Preparados para ouvir e responder as questões, dúvidas e curiosidades acerca do tema mas as encarando como parte do comportamento natural e comum de adolescente, tendo em vista suas dúvidas e processo de desenvolvimento.

A presença da Orientação Sexual nas escolas é uma demonstração que os temas sexo e sexualidade ainda são tabus pelas tantas resistências que encontra para ser discutido de forma livre, consistente e responsável nos meios de comunicação, família, meio social e escolas. Uma realidade que pode ser modificada com a execução do trabalho, objetivando e tentar alcançar suas metas.

Atualmente esse trabalho não se concretiza nas ações da política educacional de forma positiva e produtiva para os alunos em questão, depende das organizações sociais contratadas que não cumprem com as demandas da transversalidade pela administração e responsabilidade da execução dessas políticas sociais, deixando a desejar a no alcance de seu objetivo. A falta de material adequado, cursos, conferências, congressos, palestras que sirvam como base de conhecimento e preparo para executar o trabalho nas salas de aulas



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERALDO, Flávia Nunes de Moraes. Sexualidade e escola: espaço de intervenção. *Psicol. Esc. Educ. Campinas*, v. 7, n. 1, Junho, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572003000100012&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 21 de Novembro de 2013 às 12h20min.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi et al. Relato de Experiência: educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v.17, n.1, p. 151-156, janeiro/março. 2012.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, p. 1- 50. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

SAYÃO, Yara. Abrigo: comunidade de acolhida e socioeducação / [coordenação Myrian Veras Baptista] – São Paulo: Instituto Camargo Corrêa, 2006. – (Coletânea abrigar ; 1). Vários autores, p. 8-101.

SUPLICY, Marta. Sexo para adolescentes. São Paulo: FTD, 1998.

BEARZOTI, Paulo. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. *Arq. Neuro-Psiquiatr.*, São Paulo, v. 52, n. 1, Mar. 1994 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X1994000100024&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 21 de novembro de 2013 às 17h20min.

SILVA, Lucia Rejane Fomes da. A política educacional e a orientação sexual nas escolas. Departamento de ciências sociais da educação. *Revista Eletrônica. UNESP*, ed.5, p.1-13, Disponível em: http://www.fclar.unesp.br/Home/Departamentos/CienciasdaEducacao/RevistaEletronica/edi5_artigorejanedasilva.pdf. Acessado em 03 de novembro de 2013 as 20h34min.



BEIRAS, Adriano. TAGLIAMENTO, Grazielle, TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Crenças, valores e visões: Trabalhando as dificuldades relacionadas a sexualidade e gênero no contexto escolar. Santa Catarina, UFSC, 2005, p. 69-78.

SAYÃO, Yara. Abrigo: comunidade de acolhida e socioeducação / [coordenação Myrian Veras Baptista] – São Paulo: Instituto Camargo Corrêa, 2006. – (Coletânea abrigar ; 1). Vários autores, p. 8-101.

BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais – PCN, v.8 e v.10. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEB, 1997.

_____. Abrigo: comunidade de acolhida e socioeducação / [coordenação Myrian Veras Baptista] – São Paulo: Instituto Camargo Corrêa, 2006. – (Coletânea abrigar ; 1). Vários autores, p. 8-101.

SILVA, Lucia Rejane Fomes da. A política educacional e a orientação sexual nas escolas. Departamento de ciências sociais da educação. Revista Eletrônica. UNESP, ed.5, p.1-13, Disponível em: http://www.fclar.unesp.br/Home/Departamentos/CienciasdaEducacao/RevistaEletronica/edi5_artigorejanedasilva.pdf. Acessado em 03 de novembro de 2013 as 20h34min.

SAYÃO, Yara. Orientação Sexual como tema transversal. Geocities. Disponível em: http://www.geocities.ws/jonascimento/orient_sexual.html. Acessado em 03 de novembro de 2013.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: problemas de conceituação de terminologias básicas adotadas na produção acadêmica científica brasileira. Semina: Ciências Sociais/Huumanas, v.7, n.3, p. 286-293, set. 1996.

GULO, Fábio Henrique. Sexualidade e juventude: reflexões sobre a escola. Florianópolis: UNESP, 2008, p.1-7.

CANO, M.A.T.; FERRIANI, M. das G.C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v.8, n.2, p. 18-24, abril 2000.

